

Histórias de vida de imigrantes brasileiras: como entender o choque cultural e a experiência da minorias étnica

Sonia Padoan-Moura

Doctora, Universidad del País Vasco (UPV / EHU), Donostia / San Sebastián, España.
Investigador Doctor, Departamento de Psicología Social, Universidad del País Vasco (UPV / EHU),
Donostia / San Sebastián, España.
ID ORCID: [0000-0001-6289-647X](https://orcid.org/0000-0001-6289-647X)
ID WOS: [P-6930-2018](https://orcid.org/P-6930-2018)
E-mail: soniageni.ribeiro@ehu.eus

Nekane Basabe Barañano

Doctora, Universidad del País Vasco (UPV / EHU), Donostia / San Sebastián, España
Profesora Catedrática, Departamento de Psicología Social, Universidad del País Vasco (UPV/EHU),
Donostia / San Sebastián, España.
ID ORCID: [0000-0003-4753-4299](https://orcid.org/0000-0003-4753-4299)
ID WOS: [D-3918-2011](https://orcid.org/D-3918-2011)
E-mail: nekane.basabe@ehu.es

Saioa Teletxea Artzamendi

Doctora, Universidad del País Vasco (UPV / EHU), Donostia / San Sebastián, España
Profesora agregada, Departamento de Psicología Social, Universidad del País Vasco (UPV / EHU), Donostia
/ San Sebastián, España.
ID ORCID: [0000-0003-3682-9155](https://orcid.org/0000-0003-3682-9155)
ID WOS: [K-4927-2014](https://orcid.org/K-4927-2014)
E-mail: saioa.telletxea@ehu.eus

Submetido em: 30/04/2020. Aprobado em: 19/07/2020. Publicado em: 13/01/2021.

RESUMO

Uma das fontes de choque cultural nas migrações surge da experiência de minorias étnica que experimentam as pessoas nas sociedades receptoras, o que implica mudanças profundas na identidade social e familiar dos migrantes. Este estudo qualitativo analisa os relatos que surgiram nas discussões em grupo realizadas entre imigrantes brasileiros residentes na Espanha (n = 16 participantes em 3 grupos de discussão, com idade média de 40,56 DT = 13,71; 50% de mulheres). As discussões foram gravadas, transcritas e codificadas por juizes cegos. Resultaram 186 ideias e o acordo entre juizes obtido para a classificação das ideias foi alto ($\kappa = 0,837$). O programa Atlas-ti foi utilizado para a contagem das ideias e para a análise das relações entre categorias e ideias. A experiência de minorias étnica na sociedade anfitriã relatada pelas pessoas imigrantes incluem os estereótipos étnicos (15%), as experiências de discriminação (43%) e as formas de enfrentar a experiência de aculturação (42%). As respostas de enfrentamento individuais foram mais frequentes que as coletivas, e as formas cognitivas predominaram em comparação com as comportamentais. Entre as primeiras, destacam-se a regulação e o controle emocional, a reinterpretção positiva da experiência e a mobilidade individual. As formas coletivas incluíram a atribuição de responsabilidade pela discriminação ao preconceito em grupo, as comparações sociais vantajosas e a competição social. Se discute como as maneiras de lidar com o estigma de imigrante reproduzem as predições da Teoria da Identidade Social (TIS) e incorporam formas de regulação frente ao choque cultural.

Palavras-chave: Minoría étnica. Discriminação. Imigrantes. Choque cultural.

Histórias de vida de imigrantes brasileiros/as: cómo entender el choque cultural y la experiencia de la minoría étnica

RESUMEN

Una de las fuentes de choque cultural en las migraciones surge de la experiencia de minoría étnica en las sociedades receptoras, que implica profundos cambios en la identidad social y familiar de las personas migrantes. Este estudio cualitativo analiza los relatos surgidos en las discusiones de grupos entre personas inmigrantes brasileñas residentes en España (n = 16 participantes en 3 grupos de discusión, edad media 40.56 DT = 13.71; 50% mujeres). Las discusiones fueron grabadas, transcritas, y codificadas por jueces ciegos. Resultaron 186 ideas, y se obtuvo un acuerdo inter-jueces para la clasificación de las ideas alto ($\kappa = .837$). Se aplicó el programa Atlas-ti para el recuento de ideas y el análisis de las relaciones entre las categorías e ideas (networks). Las ideas que trataban sobre la experiencia de ser una minoría étnica en la sociedad receptora, incluyeron los estereotipos étnicos (15%), las experiencias de discriminación (43%), y las formas de enfrentar la experiencia aculturativa (42%). Las respuestas de afrontamiento individuales eran más frecuentes que las colectivas, y predominaron las formas cognitivas en comparación con las conductuales. Entre las primeras destacaron, la regulación y el control emocional, la reinterpretación positiva de la experiencia y la movilidad individual. Las formas colectivas incluían la atribución de la responsabilidad de la discriminación al prejuicio grupal, las comparaciones sociales ventajosas y la competición social. Se discuten como las formas de afrontamiento del estigma del inmigrante reproducen las predicciones de la Teoría de la Identidad Social (TIS) e incorporan formas de regulación del choque cultural.

Palabras clave: minoría étnica, discriminación, inmigrantes, choque cultural.

Life stories of Brazilian migrants: coming to terms with culture shock and the experience of being part of an ethnic minority

ABSTRACT

Once of the sources of culture shock among migrants is the experience of being considered part of an ethnic minority in the host country, which triggers deep-rooted changes in social and family identity. This qualitative study analyzes the life stories which emerged during group discussions with Brazilian immigrants living in Spain (n = 16, participating in 3 discussion groups, mean age 40.56 SD = 13.71; 50% women). Discussions were audio recorded, transcribed and blind coded, resulting in 186 ideas, with a high inter-rater agreement for their classification ($\kappa = .837$). The Atlas-ti program was used to count the ideas and analyze the relationships between them and the established categories (networks). The ideas, which focused on the experience of forming part of an ethnic minority in the host society, included ethnic stereotypes (15%), experiences of discrimination (43%) and way of coping with acculturation (42%). Individual coping methods were more frequent than collective ones, and cognitive methods were more common than behavioral ones. Individual methods included emotion regulation and control, positive reframing and individual mobility; collective ones included attribution of responsibility for discrimination to group prejudice, advantageous social comparisons and social competition. The discussion highlights how methods of coping with the stigma of being an immigrant reproduce the predictions of Social Identity Theory (SIT) and incorporate means of regulating culture shock.

Keywords: Ethnic minority. Discrimination. Immigrants. Culture shock.

INTRODUÇÃO

As pessoas que migram de seu lugar de origem para instalar-se em uma sociedade diferente da sua, passam a constituir um coletivo minoritário, exposto a situações que nem sempre resultam ser agradáveis e podem estar associadas com alguns estereótipos negativos, que as sociedades de acolhida lhes atribuem por pertencer a um determinado grupo étnico. Quando este é o caso, as pessoas enfrentam situações de preconceito e de discriminação, e fazem uso de recursos individuais, grupais, cognitivos e comportamentais para enfrentar sua condição de minoria e conviver no contexto de acolhida.

FORMAS DE ENFRENTAR A EXPERIÊNCIA DE MINORIA ÉTNICA

Enquanto que os estereótipos são crenças generalizadas, em sua maioria negativas, em relação aos grupos e seus integrantes, os preconceitos vão um pouco mais além, somando a estas crenças sentimentos como desprezo, aversão ou repulsa. Por sua vez, a discriminação implica em ações e sentimentos, que colocam em situação de desvantagem e tratam de maneira injusta as pessoas que formam parte de um coletivo afetado pelo estigma (BLANZ, *et al.* 1998; MUMMENDEY, *et al.* 1999; OUTTEN, *et al.* 2009). Se bem que está bastante documentado que a discriminação tem efeitos prejudiciais para a saúde e para o bem-estar subjetivo (SEVILLANO *et al.* 2014; WILLIAMS; MOHAMMED, 2009), existem evidências que mostram que os grupos estigmatizados e minoritários não necessariamente apresentam uma menor autoestima (pessoal e coletiva) que as majorias (BRANSCOMBE; ELLEMERS, 1998; CROCKER; MAJOR; STEELE, 1998). Assim, a partir desta perspectiva se postula que os grupos minoritários podem responder de maneira ativa e criativa ante as situações que ameaçam sua autoestima e sua identidade.

De modo complementar, a Teoria da Identidade Social (TIS) foi aplicada para descrever as estratégias (formas) de enfrentamento dos grupos desvalorizados por vários autores (BLANZ *et al.*, 1998; CROCKER; MAJOR; STEELE, 1998; MUMMENDEY *et al.* 1999; OUTTEN *et al.*, 2009), de maneira que explica como as identidades sociais podem estar associadas ao bem-estar dos grupos sociais, dependendo de como as pessoas entendem e respondem às condições da estrutura social nas quais se encontram (HASLAM *et al.*, 2009). Indicando também, que as condições estruturais da relação entre os grupos dominantes e os grupos minoritários podem variar em função de três dimensões: (1) da permeabilidade da percepção dos limites do grupo, (2) da estabilidade percebida, y (3) da legitimidade da posição do endogrupo em relação a outros grupos (TAJFEL; TURNER, 1979). Estas dimensões segundo a TIS, são uma forma de definir os limites das barreiras intergrupais e de dirigir as respostas, orientando-as para que sejam do tipo individual ou coletivo (BLANZ *et al.*, 1998).

As formas para enfrentar a experiência de minoria étnica podem ser individuais e coletivas ao mesmo tempo que cognitivas e comportamentais (BASABE; BOBOWIK, 2011; BLANZ *et al.*, 1998; BOBOWIK, 2013; BOBOWIK; BASABE; PÁEZ, 2014; CROCKER; MAJOR; STEELE, 1998; MUMMENDEY *et al.*, 1999; SKINNER *et al.*, 2003). Assim, por um lado, estão as estratégias de enfrentamento cognitivas (individuais e coletivas), que se referem ao processo de aprendizagem que engloba atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento, linguagem e ação, e por outro lado, as estratégias de enfrentamento comportamentais (individuais e coletivas), que se referem à maneira como se comporta uma pessoa ou um grupo de pessoas.

Este modelo sugere as seguintes formas de enfrentamento: (1) Individuais comportamentais, podem orientar as condutas que as pessoas mantêm para distanciar-se dos estigmas e dos estereótipos negativos, como por exemplo, o desligamento ou distanciamento comportamental e as formas de distração; movendo-se no sentido ascendente para mudar o status, evitando o contato com o preconceito e com o grupo de nativos, e buscando o apoio das pessoas que pertencem ao endogrupo (amigos e compatriotas). (2) Individuais do tipo cognitivo, orientam as formas de guiar a própria identidade através da desidentificação ou do desenganche psicológico (não identificação com nenhum grupo); da recategorização subordinada e da diferenciação entre Eu e nós; destacando a heterogeneidade dentro do grupo de imigrantes, das formas de comparação vantajosa intragrupo ou temporal, das mudanças de expectativa; da reinterpretação das experiências; da regulação das emoções perante situações de preconceito, e da internalização ou da aceitação de que existe um núcleo de verdade sobre os estereótipos. (3) Coletivas cognitivas, se baseiam em mudanças cognitivas centradas nas comparações intergrupais; fundamentam-se nas formas criativas que resgatam atributos de comparação favoráveis para o endogrupo (como a beleza, a cultura ou o esmero); destacam novas dimensões de comparação, considerando o endogrupo mais capacitado que o grupo dominante; reforçam a identidade grupal através da diferenciação e expulsão dos desviantes e da atribuição da responsabilidade do preconceito que sofrem ao grupo dominante (a má imagem e as opiniões negativas que se mantém sobre os grupos de imigrantes é culpa do grupo de acolhida), assim como a privação relativa sociocêntrica derivada da percepção de discriminação grupal. (4) Coletivas comportamentais, orientam os comportamentos coletivos como instrumentos de mudança social e de defesa da identidade grupal, considerando a mobilização e a competição social como formas de competição realista que defendem a igualdade dos direitos sociais e de oposição através de participação em associações.

Esta tipologia de formas de enfrentamento se aplicou, previamente, em estudos qualitativos com a população imigrante na Espanha. Estes estudos foram desenvolvidos pelo grupo consolidado de investigação em psicologia social juntamente com o Observatório Basco da imigração (BASABE; BOBOWIK, 2011; BOBOWIK, 2013; BOBOWIK; BASABE; PÁEZ, 2014), e contaram com uma amostra quase aleatória de imigrantes no País Basco, estratificado por sexo e idade ($n = 1250$ imigrantes de Bolívia, Colômbia, Marrocos, Romênia, e países do Sub-Saara). Deste trabalho se confirmou a estrutura multidimensional das formas de enfrentamento, descrita acima. Assim mesmo, observou-se uma forte correlação (.61) entre as formas coletivas de Comparação Social Intergrupual e a Atribuição ao Preconceito; contrariamente a visão da TIS, a estratégia individual que aglutina a Mobilidade Individual, a Regulação Emocional e o Desenganche correlacionava ($r = .40$) com a Competição Social, mostrando que a estratégia de luta pelos direitos coletivos é relativamente compatível com a estratégia individual de mobilidade social.

Neste estudo, serão analisadas as estratégias narradas nos grupos de discussão, explorando por um lado como os brasileiros percebem as relações que mantêm com os autóctones, a permeabilidade dos limites entre os grupos, às respostas da sociedade de acolhida e também como vivenciam as experiências de preconceito e discriminação e, por outro lado de que maneira estes aspectos afetam as respostas adotadas por eles em sua adaptação na sociedade de acolhida.

OBJETIVOS E HIPÓTESES

Através das narrações surgidas nos grupos de discussão, este estudo busca explorar as ideias que relacionam: as formas de enfrentamento da experiência como minoria étnica, de um grupo de imigrantes brasileiros instalados na sociedade vasca.

Hip.1. - Busca-se identificar se existe um tipo de enfrentamento preferido por este coletivo de imigrantes, em caso afirmativo, se esta forma é individual ou coletiva. Assim mesmo, serão descritas as diferentes respostas dadas pelos imigrantes brasileiros em relação as suas experiências como minoria étnica. Desta forma, espera-se encontrar estratégias do tipo coletivo nas quais se encaixarão as respostas que tentam explicar as situações relacionadas com o preconceito, às respostas que buscam destacar características positivas do endogrupo em comparação com o grupo nativo, e as respostas referentes à competição social. Por outro lado, se espera encontrar as estratégias de caráter individual nas quais se ajustarão as respostas de mobilidade social ascendente, de regulação das emoções negativas, das comparações intergrupais e temporais e também outras respostas que visam evitar ou confrontar estas experiências como minoria de forma individual.

Hip.1. a. Formas individuais: Quando existe a percepção de que é possível melhorar a situação social e ascender na escala social através do esforço e do trabalho próprio, a pessoa adotará a estratégia de mobilidade individual, mesmo que esta estratégia cause stress ou represente a distância do próprio grupo.

As estratégias individuais comparativas serão utilizadas quando exista uma percepção positiva da situação pessoal e sejam valorizados os ganhos obtidos por meio da imigração. Por sua parte, as estratégias cognitivas podem ser formas de defesa da identidade, assim as comparações intergrupais buscam dimensões através das quais o próprio grupo minoritário possa obter vantagens (vendo-se de maneira positiva), e se associam com a percepção de que a integração social é difícil para o grupo.

As formas de evitação e isolamento social serão descritas como modos de enfrentar o preconceito e as dificuldades socioculturais, enquanto que outras formas como a reestruturação cognitiva estarão associadas com as valorações positivas da imigração.

Hip. 1.b. Formas coletivas: As estratégias coletivas consistirão em atribuir ou explicar a situação de desvantagem que experimentam os imigrantes através do preconceito e da discriminação dirigida em direção a eles pelos nativos e pela sociedade de acolhida, e se relacionarão com as ideias que expressem os limites (as barreiras) que os imigrantes encontram para sua integração social.

A estratégia de competição social poderia estar relacionada com uma percepção de empoderamento do endogrupo, quando se nota que a integração social é possível e se tenta melhorar a situação através da competição. Ou seja, quando se percebe que as barreiras do grupo de acolhida são permeáveis e permitem a integração dos imigrantes, ao mesmo tempo em que existe uma consciência do direito pela igualdade para competir e melhorar a situação social do grupo.

As estratégias coletivas de oposição que consistem na participação social em defesa dos direitos dos imigrantes serão pouco utilizadas; serão mencionadas quando existam percepções de injustiça e de discriminação e quando aflorem as emoções negativas de raiva, apesar de que também é possível que sirvam como uma forma de descarga emocional.

Hip. 2. Serão investigadas a existência de conexões (redes de ideias, ideias co-ocorrentes), entre as formas de enfrentamento utilizada, e os estereótipos e a discriminação percebida, por este coletivo.

Espera-se encontrar que a Competição Social e as Comparações Intragrupo Temporais se associem positivamente tanto ao bem-estar psicológico como social, porque com as comparações intragrupo se faz uma avaliação positiva do projeto migratório, que permite a sensação de controle do meio, ao mesmo tempo que reclama a igualdade para os imigrantes; e ambas as estratégias ocorrem quando o bem-estar social é alto, com uma forte sensação de integração e de ser possível contribuir com a sociedade de acolhida.

Por sua parte, a Mobilidade Individual, a Regulação Emocional e o Desenganche Psicológico, a Comparação Social Intergrupual e a Atribuição ao Preconceito se associarão negativamente ao bem-estar subjetivo. Isto implica que a Mobilidade Individual apresenta um custo pessoal para regular as emoções negativas derivadas da situação de desvantagem social, e que as formas coletivas se desenvolvem quando há uma percepção de que a situação da minoria é desvantajosa, onde não são possíveis a integração social e o desenvolvimento pessoal.

MÉTODOS E PROCEDIMENTO

PARTICIPANTES

Os participantes desta investigação foram 16 imigrantes de primeira geração, nascidas no Brasil e que residiam em Vitoria-Gasteiz no País Basco. Com um intervalo entre 21 a 64 anos, com idade média de 40.65 anos (SD = 13.71), e a amostra foi equiparada por sexo (50%).

O recrutamento dos participantes foi feito através de contatos com associações culturais brasileiras (Associação Brasileira, Associação Brasil-Euskadi), grupos católicos (Missões diocesanas de Vitoria, Grupo ID) e redes sociais dos próprios imigrantes (contatos facilitados por imigrantes brasileiros). Tanto o recrutamento como a aceitação para a participação neste estudo ocorreram de forma voluntária.

Os critérios de inclusão para participar no estudo foram: (1) não haver participado em outra investigação semelhante, (2) ser imigrante de primeira geração, (3) residir há um ano ou mais na sociedade de acolhida, e (4) não haver mantido relações de amizade com outros participantes do mesmo grupo de discussão.

Foram formados três grupos de discussão. Com cada um dos grupos, o debate transcorreu durante quatro horas.

VARIÁVEIS E INSTRUMENTOS

Utilizou-se um roteiro semiestruturado com as questões para debate (questões guia), composto por 8 interrogações gerais: (01) sua vida financeira hoje é melhor, pior ou igual a que tinha no Brasil antes de emigrar?; (02) você já se sentiu discriminado aqui? Em caso afirmativo, se você crê conveniente, gostaríamos que nos dissesse por que se sentiu discriminado; (03) Você percebe se os espanhóis consideram você, como uma ameaça econômica para eles?; (04) Você tem mais amizades com brasileiros, espanhóis ou outros estrangeiros?; (05) Que opinião você acredita que os espanhóis têm dos brasileiros/as que estão aqui?; (06) Que opinião acredita que os espanhóis têm de você e sua família?; (07) Você, ou alguém da sua família, passou por alguma situação difícil ou foi prejudicado por algum espanhol? Em caso afirmativo, e se não resultar incômodo, gostaríamos que descrevesse o ocorrido; (08) em sua casa, você e sua família falam, português, espanhol, portunhol, e/ou outro idioma?

ANÁLISE DE CONTEÚDOS

SISTEMA DE CODIFICAÇÃO

O sistema de codificação foi elaborado baseando-se na revisão de estudos prévios e desenvolvido segundo a macrocategoria experiências de minoria étnica. Esta macrocategoria foi subdividida em três categorias, que por sua vez se subdividiram em 23 códigos. Ver o sistema inicial de codificação, mais abaixo, na primeira coluna da Tabela 1.

TRATAMENTO DE ANÁLISES DE DADOS: TRANSCRIÇÕES

Para o tratamento das análises de dados do conteúdo, foram preparados documentos primários nos quais se transcreveu literalmente o conteúdo das narrações dos encontros. Estes documentos posteriormente foram transferidos para o programa informático Atlas.ti., com a finalidade de tratar seus conteúdos de maneira qualitativa.

A fase do tratamento e análises de dados, compreendeu a codificação das narrações (documentos primários). Para a codificação foram consideradas as respostas dos participantes, respeitando sistematicamente o conteúdo total das respostas individuais em cada questão guia, como unidade de análises foi selecionando o parágrafo total e as distintas ideias que ele pudesse conter. Finalmente, e uma vez classificadas todas as ideias coletadas através das narrações, se exportou para uma matriz de dados quantitativa (Atlas.ti.), que identificava o grupo, o/a participante, a questão de referência, a ideia e o conjunto de códigos), o que permitiu criar uma base de dados com variáveis de importância, ou seja, as ideias e as categorias para seu tratamento descritivo por meio do programa de análise estatístico SPSS v.22. Assim mesmo foi criada outra base de dados com as ideias para seu tratamento por meio de análises de correspondência com o programa Tridex v.5.

RESULTADOS

ANÁLISES DAS NARRAÇÕES: FIABILIDADE - ACORDO INTERJUÍZES

A categorização e posterior codificação dos parágrafos e ideias, dos documentos preparados para análise, foram realizadas por meio de um acordo interjuízes, no qual intervieram três pessoas. Primeiramente, dois juízes de forma independente ocuparam-se da categorização e codificação das ideias; que foram contrastadas resultando em um número de acordos e desacordos. Para solucionar os desacordos, interveio um terceiro juiz e emitiu a solução final.

Com o objetivo de tornar confiável o processo de codificação interjuízes, foram calculados os índices de confiabilidade para o conjunto de ideias e para as categorias. Criou-se uma base de dados com as 186 ideias codificadas, e duas variáveis que correspondiam às categorias estabelecidas por cada juiz, para posteriormente ser possível calcular o coeficiente do acordo interjuízes para dados categóricos.

Para tanto, seguiu-se o procedimento estipulado por Krippendorff (2011), para o qual se aplicou o Kappa Macro para SPSS v.22 (HAYES; KRIPPENDORFF, 2007; KRIPPENDORFF, 2011). O coeficiente do acordo interjuízes foi alto ($K = .837$) para o conjunto das ideias e para cada uma das respectivas categorias (todos $> .80$).

RESULTADOS DESCRITIVOS: DISTRIBUIÇÃO DE IDEIAS NO SISTEMA DE CODIFICAÇÃO FREQUÊNCIAS

Partindo do sistema inicial de categorização, se pode observar, mais abaixo, na coluna dois e três da Tabela 1, a redução dos códigos; que foi realizada em função das respostas e narrações proporcionadas em relação às oito questões guias elaboradas como roteiro para o encontro com os grupos de discussão. Esta redução foi resultado do acordo interjuízes; consiste em 186 ideias ou unidades de análises, classificadas em 2 categorias gerais correspondentes a Estereótipos e Discriminação, e 17 códigos (dos 26 códigos iniciais) pertencentes a categoria Enfrentamento e Atribuições. As 186 ideias identificadas se distribuíram da seguinte maneira:

- Estereótipos, 28 ideias (15%);
- Discriminação, 80 ideias (43%);
- Enfrentamento e Atribuições, 78 ideias (42%).

Tabela 1 – Sistema inicial de categorização e Redução dos códigos: número de ideias e frequências por categorias e códigos

Sistema inicial de categorização	Redução dos códigos	
Categorias e Códigos	Nº de ideias	% de ideias
1.- Estereótipo	28	15%
2.- Discriminação	80	43%
3.- Enfrentamento e Atribuições	78	42%
3.1.- a 3.5.- Formas de enfrentamento individuais comportamentais	19	10,2%
3.1.- Desenganche Comportamental: Distanciamento do estereótipo	4	2,2%
3.2. Desenganche de comportamento: Distração	0	0%
3.3.- Mobilidade Individual	6	3,2%
3.4.- Evitar o Contato com o Preconceito: distancia; trato frio	4	2,2%
3.5.- Busca de apoio social endogrupal	5	2,6%
3.6.- a 3.14.- Formas de enfrentamento individuais cognitivas	43	23%
3.6.- Desenganche Psicológico: Desidentificação	4	2,2%
3.7.- Desenganche Psicológico: Individualização	0	0%
3.8.- Recategorização Supra ordenada	0	0%
3.9.- Recategorização Subordinada / Diferenciação Eu/Nós	10	5,3%
3.10.- Comparação Social Vantajosa Intragrupo e Intrapessoal (temporal ou não temporal)	10	5,3%
3.11.- Mudança de expectativa (+ cognitiva)	2	1,2%
3.12.- Regulação e/ou Controle Emocional	8	4,2%
3.13.- Reinterpretação da realidade (como regulação emocional)	4	2,2%
3.14.- Internalização: Núcleo de verdade, culpa/vergonha	5	2,6%
3.15.- a 3.20.- Formas de enfrentamento coletivas cognitivas	12	6,7%
3.15.- Criatividade cognitiva: Novo Grupo de Comparação/Comparação social vantajosa entre grupos	0	0%
3.16.- Criatividade cognitiva: Reavaliação da Dimensão de Comparação	1	0,5%
3.17.- Criatividade cognitiva: Novas Dimensões de Comparação	2	1,2%
3.18.- Recategorização Subordinada / Diferenciação e expulsão	2	1,2%
3.19.- Atribuição da Casualidade e Responsabilidade ao Preconceito Grupal	7	3,8%
3.20.- Privação Relativa Social central	0	0%
3.21.- a 3.23.- Formas de enfrentamento coletivas comportamentais	4	2,1%
3.21.- Competição Social: Mobilização	1	0,5%
3.22.- Competição Realista	3	1,6%
3.23.- Oposição: Participação Social	0	0%
Total geral	186	100%

Na primeira coluna pode-se ver as categorias e códigos utilizados inicialmente; na segunda coluna o número de ideias por categorias e códigos; e na terceira coluna as frequências em que as ideias aparecem nas categorias e códigos. Os zeros na segunda e terceira coluna, correspondem aos códigos que não apresentaram relação com as ideias.

EXPOSIÇÃO DOS RESULTADOS: ANÁLISES DO CONTEÚDO DAS IDEIAS

Neste apartado, se descreverão as categorias e códigos das narrações ilustrando com citações textuais (ideias) os conteúdos das mesmas; para tanto, foram selecionadas aquelas ideias que representam cada uma das categorias de análises.

Para proporcionar uma visão global das narrações efetuadas nos grupos de discussão, construíram-se figuras, que representam graficamente as redes de opiniões (networks) expressadas pelos participantes, demonstrando os vínculos entre os códigos e as ideias.

As frases poderão estar cortadas por reticências quando os comentários intermediários resultarem ser irrelevantes ou dificultarem a compreensão. Assim mesmo, por uma parte, para identificar as ideias categorizadas no texto e as frases apresentadas nas figuras, se empregou o seguinte critério: grupo: A, B ou C; participante: 1, 2, 3, 4, 5 ou 6; número da questão guia: 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07 ou 08; número da ideia, 1,2, (...) 9, 10, 11 (...) 186; por exemplo: grupo A; participante 3; questões guia 02; e ideia 21: (A3-02, ideia 21). No caso das ideias co-ocorrentes (em que se apresentam mais de uma ideia) os números das ideias serão acrescentados seguindo sua ordem de aparição, por exemplo: (A3-02, ideias 21, 22 e 23). Por outra parte, essa identificação no texto apresenta-se entre parêntesis e sublinhada na cor cinza claro. Enquanto que nas figuras, a identificação do grupo e participante se encontrarão em um módulo individual, e a identificação da ideia estará (e/ou das ideias estarão) no final da frase ou do parágrafo a que faz referência. Estas informações estão dispostas em módulos individuais, agrupados com suas ideias correspondentes e identificados por cores diferentes, para melhor visualização e compreensão principalmente no caso das redes de ideia co-ocorrentes.

À continuação, estarão expostas as ideias que resultaram ser representativas dentro da categoria Enfrentamento e Atribuições; posteriormente serão apresentadas as relações de ideias entre as três categorias em estudo (ideias co-ocorrentes).

HIPÓTESES 1, 1.A. E 1.B.

ENFRENTAMENTO E ATRIBUIÇÕES (3.)

Por um lado, as respostas individuais de enfrentamento (cognitivas 55,1% e comportamentais 24,4%) foram mais frequentes do que as respostas coletivas (cognitivas 15,4% e comportamentais 5,1%), e também predominaram as formas cognitivas (55,1% e 15,4%) em comparação com as comportamentais (24,4% e 5,1%).

Por outro lado, as ideias foram classificadas em 17 formas de enfrentamento, das 23 formas de enfrentamento consideradas inicialmente. Conforme se pode apreciar acima, na Tabela 1, as cinco formas de enfrentamento que não foram expressas nas narrações dos grupos de discussão, são que não correspondem a nenhum número de ideia (zero) e, a nenhuma frequência (0%), como por exemplo, a Recategorização Supra Ordenada (3.8.-) ou a Privação Relativa Sócio Central (3.20.-).

FORMAS DE ENFRENTAMENTO INDIVIDUAIS COMPORTAMENTAIS (3.1. A 3.5.)

A partir dos relatos dos participantes, neste primeiro agrupamento, foram categorizadas 19 ideias. Estas ideias contemplam a forma com que as pessoas pertencentes a grupos minoritários utilizam condutas individuais para integrar-se ou minimizar distâncias em relação ao grupo maioritário (ou receptor). Neste sentido se encontrou que, para enfrentar as situações adversas da imigração, alguns participantes expressaram a sorte de ter a pele branca e assim poder distanciar-se do estigma que representa ser negro (B4-07, ideia 84), outros comentaram que cada um é responsável pela maneira com que é identificado pelos demais (C5- 05, ideia 56), e que quando percebem que as pessoas autóctones têm uma atitude fria, preferem evitar o contato com elas (B5- 04, ideia 54), e ademais acreditam que quanto mais se pareçam aos nativos, vestindo-se e comportando-se como eles, maior será apoio que receberão do exogrupo (A2-06, ideia 67). Os relatos identificados podem ser apreciados na Figura 1.

Figura 1 – Formas de enfrentamento: individuais comportamentais



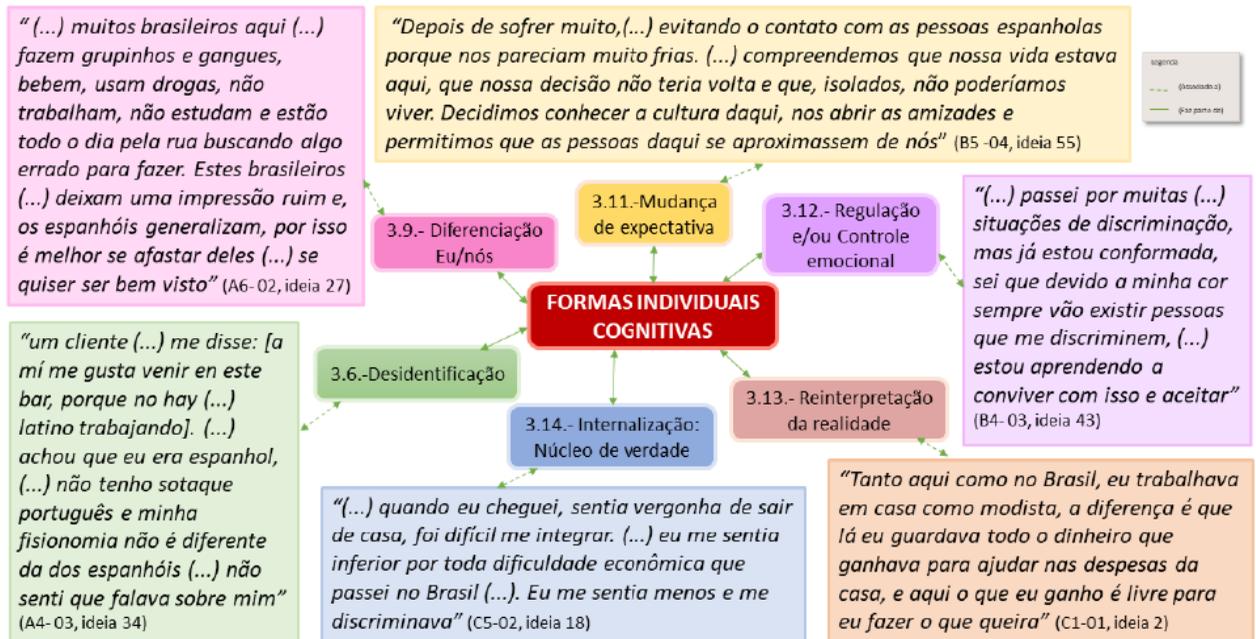
Fonte: Elaboração própria, 2020.

FORMAS DE ENFRENTAMENTO INDIVIDUAIS COGNITIVAS (3.6. A 3.14.)

Neste segundo agrupamento foram categorizadas 43 ideias, seis das quais estão dispostas na Figura 2. As ideias identificadas relacionam-se com as estratégias cognitivas a nível individual onde alguns relatos acentuam que para conseguir melhor status e uma boa posição no grupo maioritário é importante ser diferente dos demais membros do grupo minoritário (A6-02, ideia 27), ou inclusive buscar não se identificar com as demais pessoas de sua etnia, em relação aos conceitos que reforçam e confirmam o estigma social do endogrupo (A4-03, ideia 34).

Outro participante indicou preferir utilizar estas estratégias para mudar a própria percepção que tinha (dele mesmo e do grupo maioritário) que o motivava ao isolamento buscando: conhecer a cultura de acolhida como meio de mudar suas expectativas, compreender a realidade e aceitá-la para poder reinterpretar e enfrentar a nova situação (B5-04, ideia 55), controlar as emoções diante de situações imutáveis como por exemplo o fenótipo (B4-03, ideia 43), comparar de forma temporal sua própria situação e perceber os ganhos conseguidos na sociedade de acolhida que seriam praticamente impossíveis de alcançar na sociedade de origem (C1-01, ideia 2); ou, como expressou outro participante, que no início do assentamento no país de acolhida havia internalizado sua experiência migratória com sentimento de culpa e vergonha por ter uma situação econômica precária e este sentimento fazia com que ele se isolasse devido a vergonha que esta situação lhe causava (C5-02, ideia 18).

Figura 2 – Formas de enfrentamento: individuais cognitivas



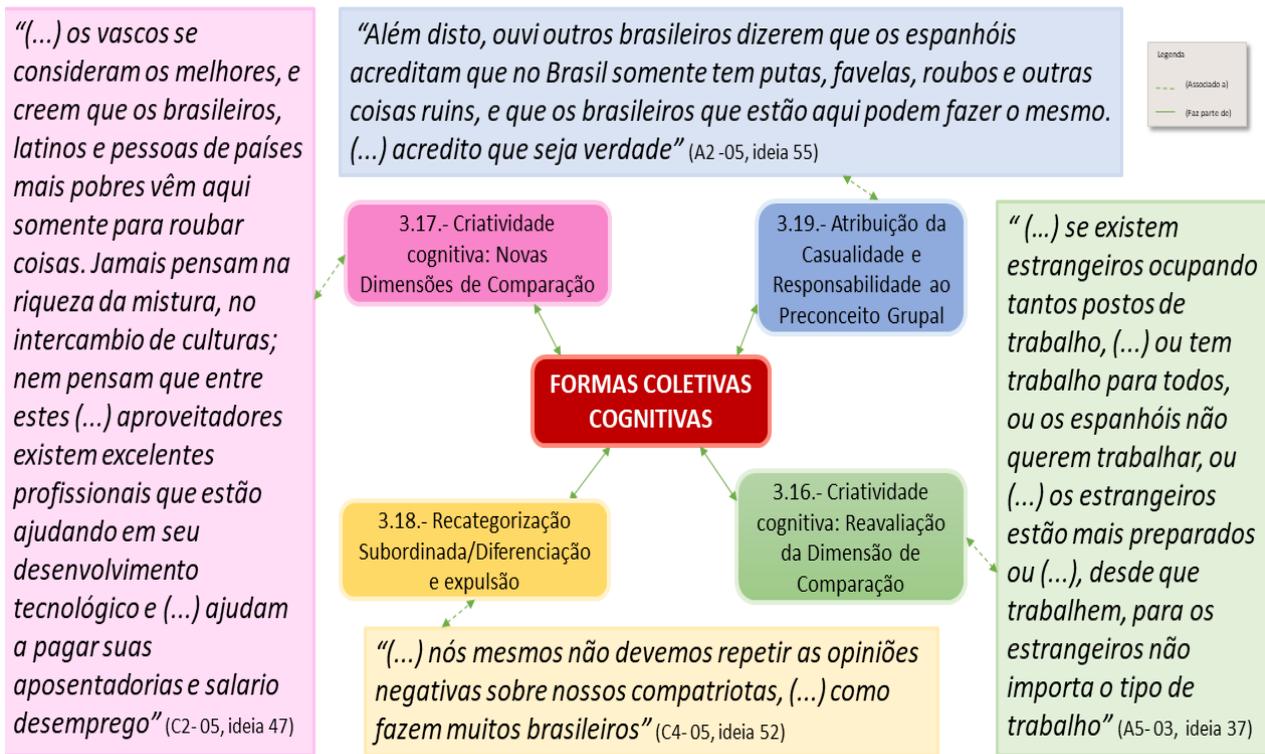
Fonte: Elaboração própria, 2020.

FORMAS DE ENFRENTAMENTO COLETIVAS COGNITIVAS (3.15. A 3.20.)

O terceiro agrupamento, corresponde as estratégias de enfrentamento que se baseiam em mudanças cognitivas que podem ocorrer em função da comparação tanto com o endogrupo como com o exogrupo. Nas narrações dos participantes foi encontrado que alguns optam por comparar e considerar seu próprio grupo como mais capaz que o grupo dominante (A5-03, ideia 37), ou que está dotado de características mais atrativas com valor desconhecido para o exogrupo (C2-05, ideia 47). Em outras narrações, responsabilizam a sociedade de acolhida pela má imagem e pelos acontecimentos negativos que possam acontecer ao grupo minoritário (A2-05, ideia 55).

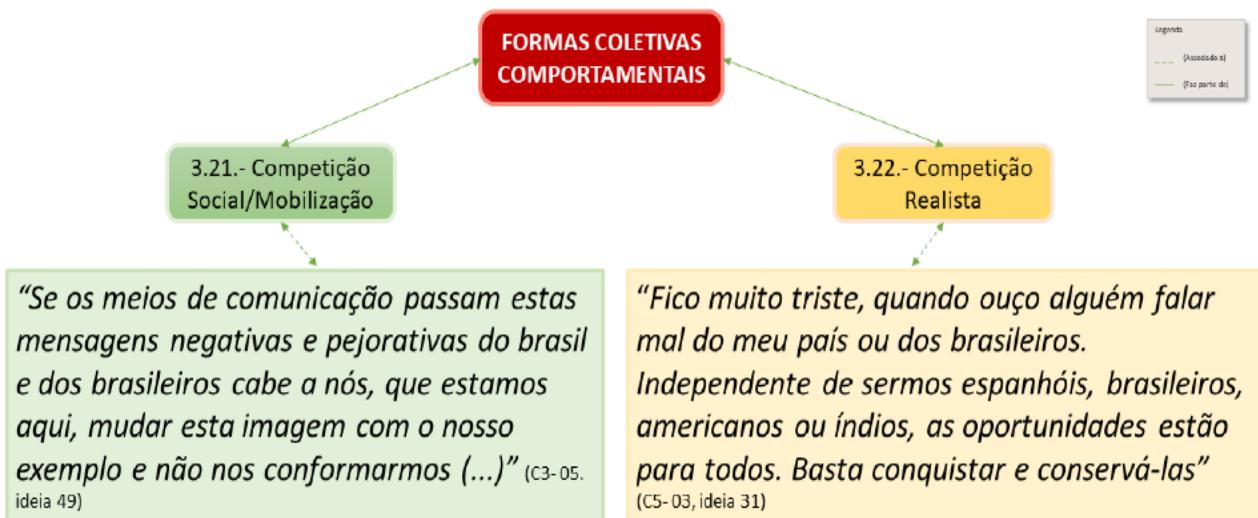
Por outra parte, outros participantes dizem que a má imagem e as opiniões negativas que a sociedade de acolhida possa ter em relação ao seu grupo (minoritário) tem origem no interior do próprio grupo minoritário (C4-05, ideia 52). Estas respostas são formas de admitir certo grau de veracidade nos estereótipos negativos atribuídos ao endogrupo e distanciar-se do estigma. Estes quatro exemplos estão identificados e descritos na Figura 3.

Figura 3 – Formas de enfrentamento: coletivas cognitivas



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 4 – Formas de enfrentamento coletivas comportamentais



Fonte: Elaboração própria, 2020.

FORMAS DE ENFRENTAMENTO COLETIVAS COMPORTAMENTAIS (3.21. A 3.23.)

Este quarto e último agrupamento das formas de enfrentar as experiências de minoria têm o foco dirigido aos comportamentos coletivos como instrumentos de mudança social. Alguns participantes reconheceram que é responsabilidade dos meios de comunicação o baixo status pelo qual é reconhecido seu grupo na sociedade de acolhida e enfatizam a necessidade de conscientizar e de não reforçar as condutas estigmatizadas como instrumentos para a igualdade (C3-05, ideia 49). Em outro relato se manifesta a condição de igualdade grupal, dizendo que as oportunidades estão para todos e que o empenho que se destine a conquista e a manutenção destas oportunidades resultarão em oportunidades positivas, independente do estigma que se atribua ao endogrupo (C5-03, ideia 31). Ver Figura 4.

1.1 Hipóteses. 2.:

REDE DE IDEIAS: IDEIAS CO-OCORRENTES ENTRE CATEGORIAS

Para representar as ideias co-ocorrentes entre as três categorias em estudo: 1.- Estereótipos, 2.- Discriminação e 3.- Enfrentamento e Atribuições, se há tomado como base a terceira categoria, considerando as formas de enfrentamento nas quais foram categorizadas o maior número de ideias. Desta maneira, entre as 17 formas de enfrentamento descritas na sessão anterior, as sete formas mais prevalentes, estarão explícitas abaixo servindo como base principal para enlaçar suas correspondentes ideias co-ocorrentes, formando assim as redes de ideias.

MOBILIDADE INDIVIDUAL (MI) E CO- OCORRENTES (3.3.)

A estratégia individual de mobilidade social como uma resposta de evasão que se associa como o estereótipo negativo, a internalização da culpa e vergonha (se sentir envergonhado do estereótipo do brasileiro) e da experiência de evitar o contato com os nativos por receio ao preconceito e do medo de ser excluído. Experiência que foi superada quando com o passar do tempo o participante adquiriu uma estratégia de mobilidade individual relacionada com a reinterpretação e a reavaliação da situação (C5-05, ideias 77, 78, 79, 80, 81 e 82). As experiências de Discriminação nos negócios devido ao sexismo e ao idioma provocam respostas de defesa (“fazer-se respeitar”) no âmbito de trabalho buscando a promoção pessoal e familiar (B2-02, ideias 20, 21, 22 e 23). A mobilidade individual se viu vinculada com colocar distância entre Eu e o grupo, com a não percepção de discriminação e com a possibilidade de não estar afetado pelo preconceito grupal, na medida em que acredita que “as oportunidades são iguais para todos” (B5-03, ideias 44, 45 e 46). A mobilidade individual que admite as diferenças de status em favor dos nativos acredita na possibilidade de ascensão laboral através do logro pessoal, para o qual é preciso regular as emoções (C3-07, ideias 74, 75 e 76). Em conjunto, a mobilidade individual se associa com a necessidade de evitar o preconceito e a discriminação, reinterpretando a realidade, distanciando-se do preconceito e assumindo a igualdade de oportunidades, conforme descrito na Figura 5.

Figura 5 – Modalidade individual e co-ocorrentes



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 6 – Diferenciação Eu/nós e co-ocorrentes



Fonte: Elaboração própria, 2020.

DIFERENCIAÇÃO EU/NÓS E CO-OCORRENTES (3.9.)

Diferenciação Eu/Nós é uma estratégia individual que corresponde a necessidade de diferenciar-se do estigma da identidade negativa e do hetero-estereotipo negativo apareceu associada com outras formas cognitivas como a desidentificação e com as experiências de discriminação no trabalho, no contato social (formal e informal), na forma de falar e nas aparências físicas distintas (fenótipo e vestimenta) conforme se pode observar através dos relatos dos participantes: (A6-02, ideias 23, 24, 25, 26 e 27); (A4-03, ideias 28, 29, 30, 31, 32 e 33); (A1-05, ideias 48, 49, 50 e 51).

Assim mesmo, se pode observar que, um dos relatos expressa diferenças entre a não percepção de discriminação pessoal (Eu) e a percepção de discriminação grupal (nós) (C1-06, ideias 57, 58, 59 e 60), outro relato manifesta relação entre a diferenciação Eu/Nós com o preconceito grupal (C1-05, ideia 42, 43 e 44), onde o participante expressa que reconhece que os brasileiros são alvo de discriminação por parte dos espanhóis, porém se exclui desta discriminação, conforme se pode apreciar na Figura 6.

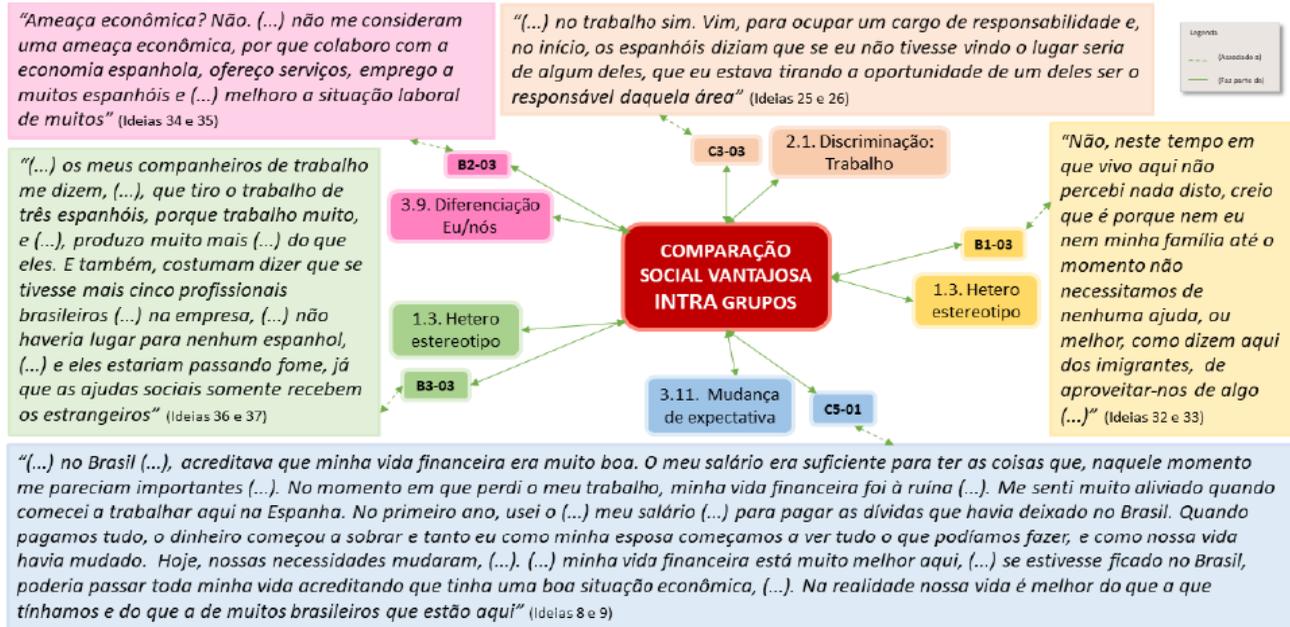
COMPARAÇÃO SOCIAL VANTAJOSA INTRAGRUPOS E CO-OCORRENTES (3.10.)

A comparação social vantajosa se associou a outras formas cognitivas individuais, como a diferenciação Eu/Nós (B2-03, ideias 34 e 35) e com a mudança de expectativas (C5-01, ideias 8 e 9).

Deste modo, a pessoa indica ser diferente dos grupos minoritários, incluindo seu próprio grupo, afirmando e reforçando o valor socioeconômico que o participante (Eu) representa para a sociedade de acolhida (B2-03); por outro lado realiza uma comparação temporal na qual manifesta mudanças de expectativas: uma vez passada uma época de sacrifício econômico no início da instalação no país de acolhida, quando esta situação melhora mudam as prioridades e os gostos que o participante e seu companheiro tinham antes de emigrar (C5-01).

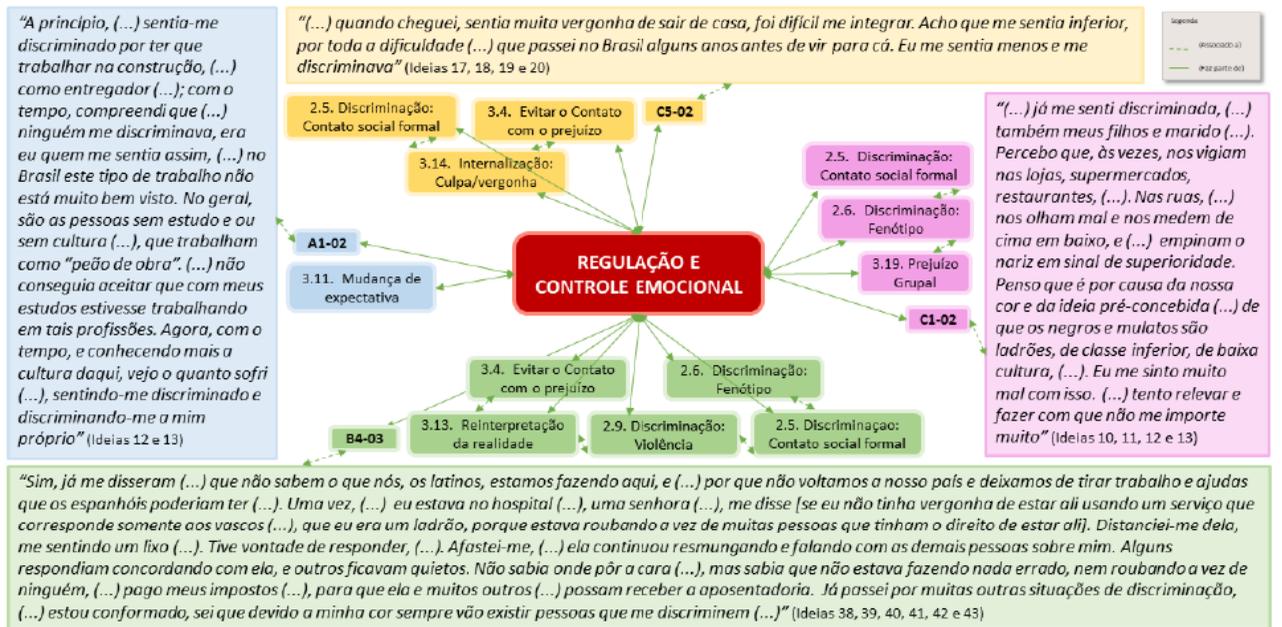
Assim mesmo, a comparação social vantajosa indicou implicar na maneira de distanciar do hetero-estereótipo negativo (B1-03, ideias 32 e 33) e (B3-03, ideias 36 e 37), os espanhóis definem os brasileiros como “aproveitadores”, porém a pessoa não se sentia afetada porque, como trabalhava, não tinha necessidade de ajuda social como outros brasileiros (B1-03), e por outro lado afirmam que os brasileiros são mais trabalhadores que os espanhóis (B1-03), Também como uma forma de responder perante a discriminação laboral, um participante destacou que sua situação era melhor por ocupar um cargo de responsabilidade na empresa, salientando que sua situação era inclusive melhor que a de outros espanhóis (C3-03, ideias 25 e 26), ver Figura 7.

Figura 7 – Comparação social vantajosa entragrupos e co-ocorrentes



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 8 – Regulamentação e controle emocional



Fonte: Elaboração própria, 2020.

REGULAÇÃO E CONTROLE EMOCIONAL E CO-OCORRENTES (3.12.)

Neste estudo, se encontrou que a regulação emocional se aplica em situações de discriminação associando-se a outras respostas do tipo individual e cognitiva. Assim, a mudança de expectativas indicou requerer a regulação das emoções onde no princípio a pessoa diz haver sentido uma forte discriminação devido ao descenso social (ocupando postos de trabalho inferiores a sua formação e considerados depreciados, cansativos e ingratos, no seu entorno de origem, como é a construção civil), porém quando percebeu que na sociedade de acolhida as barreiras grupais são permeáveis mesmo quando o trabalho que executa é de baixo status, estes sentimentos negativos desapareceram (os espaços sociais são percebidos como espaços inter classistas, situação que contrasta com as grandes diferenças sociais existentes na sociedade brasileira) (A1-02, ideias 12 e 13).

O participante (C3-07, ideias 74, 75 e 76) realizou um relato onde a mobilidade individual se associou com a regulação emocional, admitindo as diferenças de status e compartilhando a crença na possibilidade de ascensão laboral (ver, mais acima, na sessão sobre mobilidade individual e co-ocorrentes, no texto e na Figura 5). Já outro participante trouxe à luz que ao chegar ao país de acolhida é necessário regular os estados emocionais (regulação emocional), os sentimentos de culpa e vergonha por ser imigrante (internalização), e os sentimentos de medo em função da percepção de discriminação que provoca o desejo de evitar os contatos sociais informais (C5-02, ideias 17, 18, 19 e 20).

Outro extrato exemplar do tipo individual, onde o participante (B4-03, ideias 38, 39, 40, 41, 42 e 43), expressou que diante da experiência de discriminação produzida nas esferas formais, em relação ao fenótipo e a violência, respondeu evitando o contato, regulando as emoções, reinterpreta e aceitando a existência da discriminação.

Por último, se pode apreciar um relato que associa a regulação emocional com a resposta coletiva de atribuição ao preconceito grupal (C1-02, ideias 10, 11, 12 e 13). Os relatos mencionados estão expostos na Figura 8.

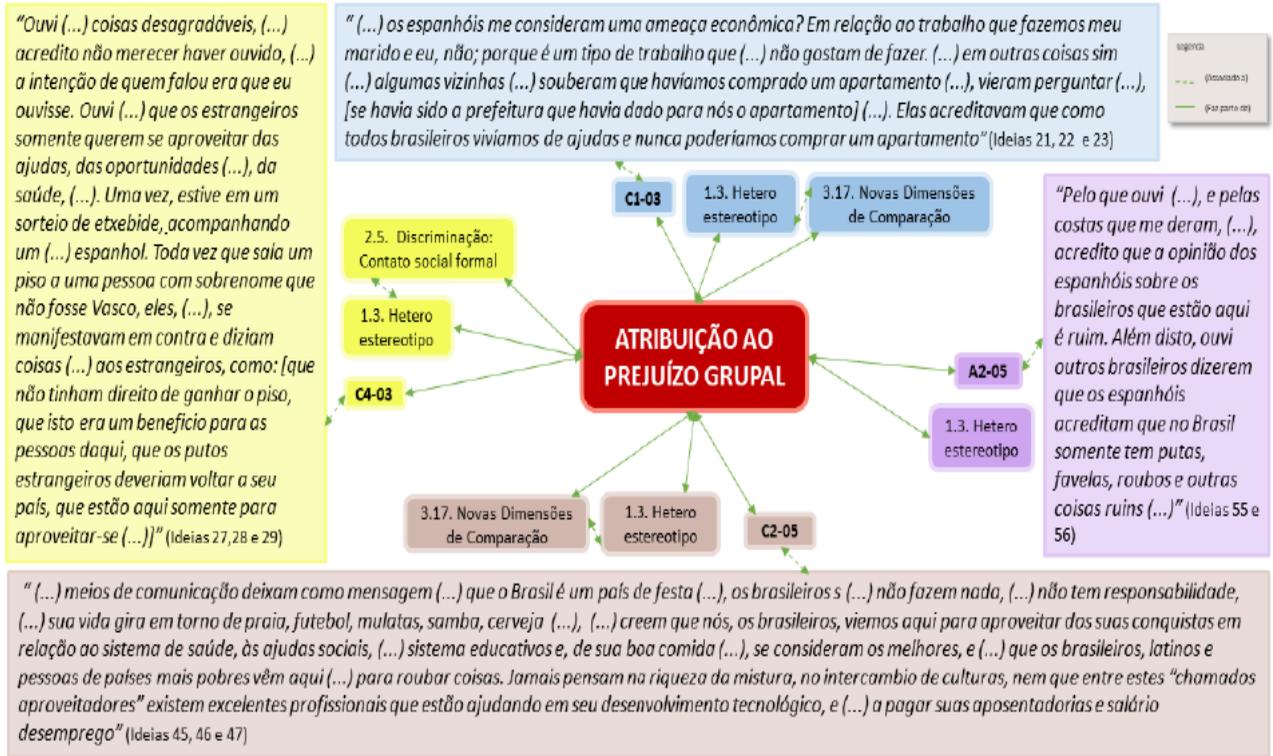
ATRIBUIÇÃO DA CASUALIDADE E A RESPONSABILIDADE OUTORGADA AO PRECONCEITO GRUPAL E CO-OCORRENTES (3.19.)

Como se descreveu anteriormente, a estratégia coletiva de atribuição ao preconceito é oposta a estratégia individual de mobilidade (associada a não percepção de discriminação) e que não aceita a explicação das diferenças intergrupais pelo preconceito (B5-03, ideias 44, 45 e 46) (ver, mais acima, na sessão sobre mobilidade individual e co-ocorrentes, no texto e na Figura 5). Também foi visto anteriormente que a distância do Eu (diferenciação Eu/Nós), a experiência de discriminação e a explicação grupal (atribuição ao preconceito grupal) (C1-05, ideias 42, 43 e 44), apoiam que as respostas individuais se separam das coletivas (ver, mais acima, na sessão sobre diferenciação Eu/Nós e co-ocorrentes, no texto e na Figura 6).

Em relação as formas coletivas, também, como já mencionado anteriormente, a experiência de discriminação (fenótipo) se explica pelo preconceito grupal e supõe para a pessoa um esforço para regular suas emoções negativas (C1-02, ideias 10, 11, 12 e 13) (ver, mais acima, na sessão sobre diferenciação Eu/Nós e co-ocorrentes, no texto e na Figura 8).

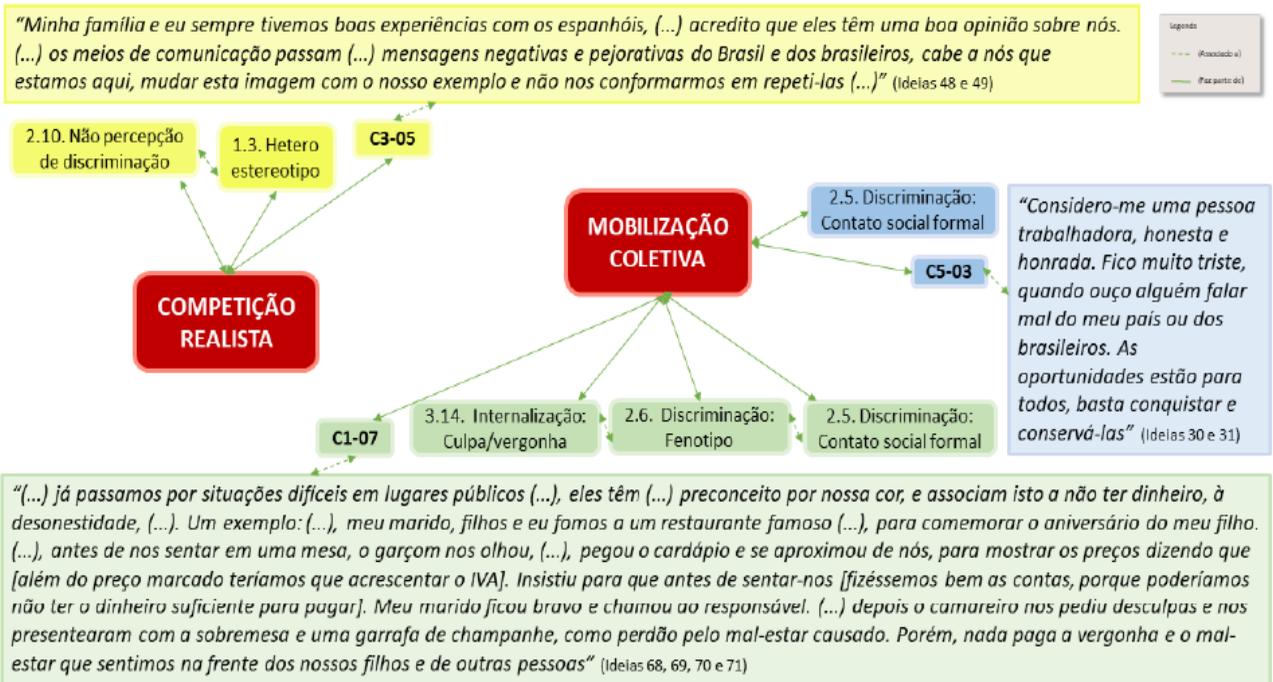
Assim mesmo, se pode apreciar nas narrações que a atribuição ao preconceito grupal se associa com a não aceitação do estigma e do hetero-estereótipo negativo (A2-05, ideias 55 e 56), (C4-03, ideias 27, 28 e 29), (C2-05, ideias 45, 46 e 47) e (C1-03, ideias 21, 22 e 23); em alguns casos (C2-05) e (C1-03) vinculam-se também com a estratégia de criatividade cognitiva destacando duas dimensões de comparação social, onde por um lado reivindicam a aculturação e por outro afirmam o endogrupo quando dizem que existem excelentes profissionais brasileiros que aportam desenvolvimento tecnológico para a sociedade de acolhida (C2-05, ideia 47). Os relatos estão descritos na Figura 9.

Figura 9 – Atribuição da causalidade e a responsabilidade outorgada ao prejuízo grupal e co-ocorrentes



Fonte: Elaboração própria, 2020.

Figura 10 – Competição social e co-ocorrentes



Fonte: Elaboração própria, 2020.

CONCLUSÃO E DISCUSSÃO

As pessoas que migram de seu lugar de origem para instalar-se em uma sociedade diferente da sua, passam a constituir um coletivo minoritário, exposto a situações que nem sempre resultam ser agradáveis e podem estar associadas com alguns estereótipos negativos, que as sociedades de acolhida lhes atribuem por pertencer a um determinado grupo étnico. Quando este é o caso, as pessoas enfrentam situações de preconceito e de discriminação. Neste sentido, através deste estudo qualitativo, foi possível vislumbrar diferentes formas, através dos quais os imigrantes brasileiros residentes no País Basco experimentam e fazem uso de recursos cognitivos e comportamentais, individuais e grupais, para enfrentar sua condição de minoria e conviver no contexto de acolhida.

Analisaram-se as experiências de minoria étnica de acordo com a tipologia das formas de enfrentamento retomadas dos estudos sobre enfrentamento da identidade social minoritária (BLANZ, *et al.* 1998; CROCKER; MAJOR; STEELE, 1998; MUMMENDEY, *et al.* 1999) e que foi validada por BASABE; BOBOWIK, 2011; BOBOWIK, 2013; BOBOWIK; BASABE; PÁEZ, 2014). Para explorar os relatos dos participantes foi utilizado um roteiro semiestruturado. As análises seguiram um procedimento rigoroso para categorizar as ideias, criando um sistema de categorias que sintetiza o conteúdo dos grupos de discussão.

O discurso dos participantes dos grupos de discussão, se centrou principalmente em torno à experiência no país de acolhida e nas relações intergrupais entre nativos e imigrantes.

As respostas de enfrentamento do tipo individual foram mais frequentes que as do tipo coletivo, assim mesmo predominaram as formas a nível cognitivo em comparação com as comportamentais.

Destacando-se, por um lado, respostas do tipo individual (cognitivo) como a Diferenciação do Eu, a Comparação social vantajosa, a Regulação e controle emocional e, (comportamental) a Mobilidade individual; e, por outro lado, as respostas do tipo coletivo como: a Atribuição de responsabilidade ao preconceito grupal (cognitivo), a Mobilização social e a Competição realista (comportamental).

Desta forma, por uma parte estão as respostas individuais, comportamentais (24.4%) e as cognitivas (55%). As respostas individuais comportamentais, tem como objetivo enfrentar as situações adversas da imigração por meio da integração, minimizando as distâncias em relação ao grupo maioritário (ou receptor); assim alguns dos participantes expressam a “sorte” de ter “a pele branca” e poder distanciar-se do estigma que representa ser negro; outros evitam o contato com os autóctones; e outros se assimilam nas formas externas, “vestindo-se como os espanhóis” para receber seu apoio. Estas respostas individuais comportamentais buscam o distanciamento do estigma mediante a evitação ou a assimilação camaleônica, assumindo a aparência externa dos espanhóis. Uma resposta similar foi encontrada no estudo espanhol de Briones (2008) com adolescentes africanos que buscavam a assimilação.

As formas, mais destacadas que fazem referência as respostas do tipo individual cognitivo, similar ao caso anterior, o indivíduo busca diferenciar-se do endogrupo; em um dos casos movendo-se entre a assimilação e a mobilidade ascendente, em outros casos preferem mudar a percepção de uma realidade que os impulsionava ao isolamento. Outras respostas se baseiam na reinterpretção para aceitar a situação, e em outros casos se opta por controlar as emoções frente a situações imutáveis como o fenótipo. Também cabem outras respostas individuais como a comparação temporal, que ressalta os ganhos alcançados na sociedade receptora, considerando que seria praticamente impossível de conseguir em seu país de origem.

Por outra parte, menos prevalentes que as respostas individuais estão as respostas coletivas, cognitivas (15,4%) e, as comportamentais (5%). As respostas coletivas do tipo cognitivo incluíram a comparação social vantajosa, considerando o endogrupo como mais capaz que o grupo dominante (sociedade de acolhida), e formas criativas que atribuem ao endogrupo aspectos mais atrativos e de valor desconhecido pelo exogrupo. Assim mesmo, outras respostas expressam que os acontecimentos negativos que passam com o endogrupo são de responsabilidade do exogrupo. No entanto, outros participantes se distanciam da “má imagem e opiniões negativas” que a sociedade de acolhida outorga ao endogrupo admitindo um núcleo de verdade no estereótipo negativo.

Pouco mencionadas foram as formas de enfrentamento coletivas do tipo comportamental, que tratam os comportamentos coletivos como instrumentos de mudanças sociais. Estas respostas se associam com a atribuição ao preconceito (responsabilizam as imagens que transmitem os meios de comunicação pelo estigma, e o baixo status que a sociedade de acolhida atribui ao endogrupo), e enfatiza a necessidade de conscientização e luta contra os preconceitos e, pela igualdade. Do mesmo jeito que reivindica a igualdade de oportunidades (“as oportunidades são para todos”).

Analisaram-se as sete formas de enfrentamento dominantes no discurso dos participantes e sua associação com outras crenças relacionadas com a identidade endogrupal (ideias co-ocorrentes). Nesse sentido, partindo da categoria Enfrentamento e Atribuições, foram identificadas as relações de ideias (ideias co-ocorrentes) entre ela e as categorias Discriminação e Estereótipos. Cabe destacar que as formas de estereótipo identificadas nos relatos fizeram referência ao hetero-estereótipo e ao preconceito percebido, ou seja, a imagem que os brasileiros percebiam que os espanhóis apresentavam a respeito deles (dos brasileiros).

Estas sete formas que apresentaram o maior número de ideias foram por uma parte as Individuais: Mobilidade individual, Diferenciação Eu/Nós, Comparação social vantajosa, Regulação e controle emocional; e por outra parte as Coletivas: Preconceito grupal, mobilização social e Competição realista.

A estratégia de Mobilidade individual (MI) ajuda superar o estigma e, se associa com distintos conglomerados de ideias. Por um lado, se relaciona com as respostas de evitação, distanciar-se do hetero-estereótipo negativo, com a internalização da culpa-vergonha, e o medo ao preconceito e de ser excluído. Outra resposta relacionada com o MI é a reinterpretação ou reavaliação positiva da situação. Em outros casos as experiências de discriminação nos negócios pelo idioma e pelo sexismo provocam respostas de defesa (“fazer-se respeitar”) no âmbito de trabalho, buscando a promoção pessoal e familiar. Por outra parte, a MI está vinculada com colocar distância entre o Eu e o grupo, com a não percepção pessoal de discriminação e com a possibilidade de não ser afetado pelo preconceito grupal, na medida em que se assume que “as oportunidades são iguais para todos”. Esta resposta poderia assemelhar-se a associação encontrada em outros estudos quantitativos (BASABE; BOBOWIK, 2011; BOBOWIK, 2013; BOBOWIK; BASABE; PÁEZ, 2014) que associava a MI com a estratégia de Competição social, que luta coletivamente pela igualdade das oportunidades dos imigrantes. Em outros relatos a MI admite as diferenças de status a favor do grupo dominante (os espanhóis/nativos) e creem na possibilidade de ascensão no trabalho por mérito pessoal, para tanto, é necessário regular as emoções. Em conjunto, a MI se associa com a discriminação reinterpretando a experiência, distanciando-se do preconceito, e assumindo “a igualdade de oportunidades”.

Em quanto a estratégia individual de Diferenciação Eu/Nós (EU/NOS), busca a diferenciação do estigma, da identidade negativa e do hetero-estereótipo negativo, e se associa com outras formas cognitivas próximas como a desidentificação, as experiências de discriminação no trabalho, os contatos formais e informais, e as características distintivas (fenótipo e vestimenta). Manifesta-se na diferenciação entre a não percepção de Discriminação pessoal (Eu) e a percepção de Discriminação grupal (Nós), assim como se associa com a forma coletiva de atribuição ao preconceito grupal na qual a pessoa alvo se exclui e é excluída da categoria negativa dos “brasileiros”.

Uma das constantes encontradas em relação à percepção da discriminação é a diferença entre a percepção pessoal e a grupal. Como explanaram Murillo e Molero (2012) a discrepância entre a discriminação pessoal e grupal pode explicar-se por um efeito motivacional segundo o qual as pessoas tendem a minimizar ou negar as experiências de discriminação para defender e manter uma imagem positiva de si mesmo e manter a sensação de controle pessoal, e cabe também razões cognitivas, devido a riscos no processamento da informação que podem ser inconscientes, como por exemplo, a maior acessibilidade dos episódios de discriminação que afetam aos grupos. Esta diferença também pode ler-se como um risco positivista, pelo que as pessoas tendem a minimizar a possibilidade de que possam ocorrer fatos negativos a elas em comparação com os seus iguais, no caso de que a pessoa tenha um estado de ânimo ou uma balança de afetos positiva (PÁEZ *et al.* 2003). Assim mesmo os processos de interpretação das experiências ambíguas podem atribuir-se ao preconceito grupal ou a própria pessoa dependendo da força da identidade étnica; esta diferença é muito importante porque, enquanto a experiência de discriminação pessoal se associa à baixa-estima e a outros índices de mal-estar e enfermidades, por sua parte a discriminação grupal se associa a autoestima coletiva e às vezes também a autoestima pessoal (BLANZ *et al.*, 1998; MUMMENDEY *et al.*, 1999; OUTTEN *et al.*, 2009).

Quando o próprio imigrante considera que é mais bem tratado do que a maioria dos seus compatriotas, pode ser interpretado como uma maneira de defender a autoestima e a própria imagem. O estudo por meio de questionário e referente à população latino-americana residente no País Basco (AIERDI *et al.*, 2008), verificou que a experiência pessoal era mais bem valorizada que a coletiva, assim percebia-se que a própria pessoa era tratada com mais amabilidade que o conjunto de seus patrícios (76% quando se referia ao trato pessoal e 63% ao coletivo de imigrantes do próprio país).

Nos grupos de discussão se expressaram ideias congruentes com o fenômeno da discrepância entre Discriminação pessoal e grupal, de modo que os participantes expressaram que mesmo que eles não tivessem se sentido pessoalmente discriminados percebiam que a discriminação, o preconceito e os estereótipos negativos se manifestavam nas imagens que transmitiam os meios de comunicação, e no preconceito que percebiam dos nativos.

Por seu lado a Comparação social vantajosa intragrupos (CSV), associa-se a outras formas cognitivas individuais, como a diferenciação Eu/Nós e com as mudanças de expectativas. Deste modo a pessoa se diferencia dos grupos minoritários e de seu próprio grupo afirmando e reforçando o valor socioeconômico que o participante (Eu) representa para a sociedade de acolhida. Assim mesmo, realizam uma comparação temporal na qual manifestam que as expectativas mudaram no país de acolhida com relação às expectativas que tinham no Brasil, uma vez passada a primeira época de sacrifício econômico no momento de assentamento, a situação econômica melhora, e mudam as prioridades e os gostos. Assim mesmo, a comparação social vantajosa implica em uma maneira de distanciar-se do hetero-estereótipo negativo e não se sentir afetado (p.e., “trabalha e por isso não necessita de ajudas sociais como os outros necessitam”), ou bem porque se afirma que os brasileiros são “mais trabalhadores” do que os espanhóis.

Também é uma forma de responder perante a discriminação laboral, destacando que em alguns casos a situação do imigrante “é melhor porque ocupa um cargo de responsabilidade na empresa, inclusive melhor do que outros espanhóis”. Essas comparações vantajosas fazem ênfase na contribuição dos imigrantes para com a sociedade de acolhida, o que é coerente com os resultados do estudo quantitativos de (BOBOWIK; BASABE; PÁEZ, 2014) que demonstrava que as comparações intragrupo temporais se associavam positivamente tanto com o bem-estar psicológico como com o bem-estar social.

Por sua parte, a Regulação e controle emocional (RE), se aplica ante as situações de discriminação e associa-se a outras respostas de tipo individual e cognitivas. As mudanças de expectativas provocam a necessidade de regular as emoções, no princípio a pessoa sente uma forte discriminação por descender socialmente (ocupando postos de trabalhos duros “na construção civil” inferiores a sua formação) porém com o tempo esses sentimentos negativos desaparecem porque percebe que na sociedade de acolhida as barreiras sociais são permeáveis (os espaços sociais são percebidos como espaços interclassistas, o que contrasta com as grandes diferenças sociais existentes na sociedade brasileira). A mobilidade individual (MI) se associa também a regularização emocional, admitindo as diferenças de status e compartilhando a crença na possibilidade de crescer no âmbito laboral (ver também acima sobre a MI). Ao chegar ao país receptor existe a necessidade de regular os estados emocionais (regularização emocional) e os sentimentos de culpa e vergonha por ser imigrante (internalização) e pela percepção e medo da discriminação nos contatos sociais informais que provocam respostas de evasão. Outra resposta ante a discriminação fenotípica e a violência, consiste em evitar o contato, regular as emoções, reinterpretar e aceitar a existência da discriminação. Por último, também a regularização emocional se associa com a resposta coletiva de atribuição ao preconceito grupal.

Portanto, a regulação das emoções é necessária tanto nas formas cognitivas de mudança de expectativas, de enfrentar a discriminação, evitá-la e reinterpretá-la, ante a mobilidade individual (MI), ante a internalização do estigma, e frente às respostas coletivas de atribuição ao preconceito grupal. Neste estudo destaca-se a importância de manejar as emoções negativas desencadeadas pelas experiências de discriminação e do stress que ocorre tanto nas respostas individuais de MI como nas coletivas de atribuição ao preconceito.

Em contrapartida, a estratégia coletiva de Atribuição da responsabilidade ao preconceito grupal (PG), é oposta a estratégia individual de mobilidade (associada a não percepção de discriminação) e descarta a explicação das diferenças intergrupais pelo preconceito. Pelo que se confirma que as respostas individuais se separam das coletivas. Em relação às formas coletivas, foi mencionado anteriormente que as experiências de discriminação (fenótipo) são explicadas pelo preconceito grupal e supõe-se que a pessoa tem que regular suas emoções negativas. Assim mesmo a atribuição ao preconceito grupal se associa a uma não aceitação do estigma e do hetero-estereótipo negativo em alguns casos vinculados também a estratégia de criatividade cognitiva, destacando novas dimensões de comparação social, onde reivindicam a interculturalidade e afirmam que existem excelentes profissionais brasileiros que colaboram com o desenvolvimento tecnológico da sociedade de acolhida.

No que concerne as estratégias coletivas de Mobilização social (MS) e de Competição realista (CR), foi encontrado que elas se associam entre si, revelando a existência de uma consciência de discriminação endogrupal, mas não de discriminação pessoal, que se opõe a imagem negativa transmitida pelos meios de comunicação, e que afirma a necessidade de mobilidade coletiva para defender a auto-estima coletiva. Ante a discriminação e o preconceito fenotípico nos contatos formais e lugares públicos, são geradas emoções negativas (“raiva”) e se adota a competição social, reclamando um “tratamento equivalente” e a defesa dos direitos (p.e., conquistar e conservar a igualdade de oportunidades).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo qualitativo, como é habitual, proporciona evidências de coletivos específicos, que nem sempre podem representar bem as populações das quais procedem. Assim que se tentou que os participantes representassem os seguimentos do coletivo brasileiro residente no País Basco, na idade, sexo e que incluíssem pessoas de distintos status sociais e profissões. Assim mesmo, foi possível desvelar aspectos substanciais da experiência de minoria étnica graças ao apoio dos estudos precedentes no País Basco sobre a referente questão realizadas com métodos quantitativos (BASABE; BOBOWIK, 2011; BOBOWIK, 2013; BOBOWIK; BASABE; PÁEZ, 2014), o que permitiu orientar as análises desde hipóteses específicas e não meramente exploratórias como costuma ser habitual nos estudos qualitativos. Seguiu-se uma metodologia rigorosa que buscou validar e dar fiabilidade para as categorias de análises, e ir além das considerações descritivas, por meio da criação de redes de ideias (networks); as quais possibilitaram observar as conexões entre as ideias, explicações e justificações que os participantes utilizaram para racionalizar e dar sentido a sua experiência migratória.

Neste sentido, se revelou a importância que adquire para os imigrantes as formas de enfrentar a experiência migratória, e a estreita relação que apresentam com a discriminação percebida e os estereótipos com os quais são categorizados pela sociedade de acolhida, indicando a importância da realização de novos estudos complementares com uma população mais ampla e com outros coletivos, com o objetivo de elucidar e indicar pautas tanto para os imigrantes como para as pessoas autóctones em prol da integração, e de um maior bem-estar no contato entre minorias e maiorias.

REFERÊNCIAS

- AIERDI, X. *et al.* *Población latinoamericana en la CAPV* 2007. Bilbao: Ikuspegi. Observatorio Vasco de Inmigración, 2008.
- BASABE, N.; BOBOWIK, M. Aculturación, identidad étnica y afrontamiento de la inmigración: el caso de España. In: EN TECHIO, E. M.; LIMA, M. E. (Coord.). *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal*. Brasília: Tecno-Politik, 2011.
- BLANZ, M. *et al.* Responding to negative social identity: a taxonomy of identity management strategies. *European Journal of Social Psychology*, v. 28, n. 5, p. 697-729, 1998.
- BOBOWIK, M. *The bright side of migration. from identity management to happiness*. 2013. Tesis (Doctorado em Psicología) - Universidad del País vasco, Donostia-San Sebastián, 2013.
- BOBOWIK, M.; BASABE, N.; PÁEZ, D. Wellbeing and personal values of immigrants to Spain. In: MICHALOS, A. C. (Ed.), *Encyclopedia of quality of life research*. Springer, 2014. 7074-7079 p.
- BRANSCOMBE, N.R.; ELLEMERS, N. Coping with group-based discrimination: individualistic versus group-level strategies. In SWIM, J. K.; STANGOR, C. (Eds.), *Prejudice: the target's perspective*. New York: Academic Press, 1998. 243-266 p.
- BRIONES, E. *Proceso de aculturación de adolescentes inmigrantes residentes en España: estudio longitudinal de su identidad cultural y adaptación psicosocial*. 2008. Tesis (Doctorado em Psicología) - Universidad de Salamanca, Salamanca, 2008.
- CROCKER, J.; MAJOR, B.; STEELE, C. Social stigma. In: GILBERT, D.; FISKE, S.T.; LINDZEY, G. (Eds.). *The handbook of social psychology*, v. 2, 4 ed. New York: McGraw Hill, 1998. 504-553 p.
- HASLAM, S.A. *et al.* Social identity, health and well-being: an emerging agenda for applied psychology. *Applied Psychology*, v. 58, n. 1, p. 1-23, 2009.
- HAYES A. F.; KRIPPENDORFF, K. Answering the call for a standard reliability measure for coding data. *Communication Methods and Measures*, v. 1, n. 1, p. 77-89, 2007.
- KRIPPENDORFF, K. *Computing krippendorff's alpha-reliability*. 2011. Disponível em: http://repository.upenn.edu/asc_papers/43. Acesso em: 30 abr. 2020.
- MUMMENDEY, A. *et al.* Strategies to cope with negative social identity: Predictions by social identity theory and relative deprivation theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 76, n. 2, p. 229-245, 1999.
- MURILLO, J.; MOLERO, F. Factores psicosociales asociados al bienestar de inmigrantes de origen colombiano en España. *Psychosocial Intervention*, v. 21, n. 3, p. 319-329, 2012.

OUTTEN, H.R. *et al.* Coping options: missing links between minority group identification and psychological well-being. *Applied psychology*, v. 58, n. 1, p. 146-170, 2009.

PÁEZ, D. *et al.* *Psicología social, cultura y educación*. Madrid: Prentice-Hall, 2003. 928 p.

SEVILLANO, V. *et al.* Health-related quality of life and perceived discrimination among immigrants and natives in Spain. *Ethnicity & Health*, v. 19, n. 2, p. 178-197, 2014.

SKINNER, E. A. *et al.* Searching for the structure of coping: a review and critique category systems for classifying ways of coping. *Psychological Bulletin*, v. 129, n. 2, p. 216-269, 2003.

TAJFEL, H.; TURNER, J. C. An integrative theory of intergroup conflict. In: AUSTIN, W. G.; WORCHEL, S. (Eds.). *The social psychology of intergroup relations*. Monterey: Brooks/Cole, 1979. 33-37 p.

WILLIAMS, D.R.; MOHAMMED, S. A. Discrimination and racial disparities in health: evidence and needed research. *Journal of Behavioral Medicine*, v. 32, n. 1, p. 20-47, 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas pessoas que nos apoiaram, em especial aos participantes dos grupos de discussão, aos revisores deste artículo e a equipe editorial.

Esta pesquisa foi realizada com o apoio da Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibertsitatea, e financiamento proporcionado pelo Governo Vasco, Ref. IT-1187-19 e pelo Ministério Espanhol de Ciência, Inovação e Universidades, MINECO, Ref. PSI2017-84145-P.